

Grande Catrim (Maneira de
Carvalho.
82 - Cande de Sanfem)

ANNO I

S. João d'El-Rei, 20 de Setembro de 1885

N. 1

O DOMINGO



PARA A CIDADE
Anno 6\$000
Semestre 3\$000

Redactores — Jorge Rodrigues e José Braga

PARA FORA
Anno 6\$000

Escritorio e officinas — Rua do Duque de Caxias, 54

SUMMARIO

Expediente; *O Domingo*: Ao trabalho, poetas! — B.: Sobre a mesa; Atravéz da politica — *Georgino*: No templo, soneto — *José Braga*: Onde param as modas — *Carolina G.*: Gloria futura, soneto — *Romeu Alegre*: Lambrequins; Viver! poesia — *Jorge Rodrigues*: A morte do cantor — *Jorge Rodrigues*: Morte ao tempo — *Tong Kong Sing*: Recados; Uma eccentricidade — *Dr. Reclame*: Anuncios.

EXPEDIENTE

São correspondentes d'*O Domingo*: — Em OURO-PRETO, ALFREDO GUERRIER; na VICTORIA, ANTONIO JOAQUIM RODRIGUES JUNIOR; no RIO-NOVO, CARLIDO VIRGLIO DE ALBUQUERQUE; com os quaes poderão se entender os nossos assignantes d'essas cidades.

O DOMINGO

S. JOÃO D'EL-REI, 20 DE SETEMBRO DE 1885.

PRESENTAMOS hoje *O Domingo* e para elle pedimos um recanto obscuro nos arraiaes da imprensa mineira.

Vamos experimentar as forças na grande lucta em que nem sempre triumpham os batalhadores convictos e, por isso, não promettemos muito. Mas, chegamos á arena jubilosos, expansivos, tomados do enthusiasmo animador da crença, — porque somos moços e ainda não sentimos n'alma o gelo enervador do septicismo.

Em que pese a uns tantos pessimistas que por ahi andam a desanimar o que apparece de novo — embora seja util, — temos a certeza de obter a coadjuvação poderosa dos espiritos adiantados, que comprehendem o elevado dever de amparar tudo o que pôde servir

de auxilio á grande causa do progresso intellectual do povo.

Contando com a benevolencia dos doutos, hão de permitir-nos a liberdade de não tomar em conta o motejo dos egoistas, ou a reprovação dos nescios.

O Domingo adopta um programma ainda não seguido por jornal algum d'esta provincia.

Será uma folha exclusivamente litteraria, recreativa, de uma leitura facil e interessante, que distraia aos seus leitores, offerecendo-lhes ao mesmo tempo alguma cousa proveitosa.

Pela redacção composta de dois legionarios de ideas politicas diametralmente oppostas, — vê-se claramente que o nosso jornal tomara a defeza do programma de qua quer d'esses dois partidos militantes, que mantem entre nós uma luta singular e tão pouco atrahente.

E' outro o dominio em que pretendemos labutar.

Quando appareceu na côrte a *Semana* e desenvolveu o seu brilhante programma, nasceu-nos um desejo ardente, que aos poucos foi-se tornando vontade inquebrantavel, de fundar na provincia um periodico que seguisse aquella mesma orientação.

N'um meio tão diverso e baldos recursos mais impescindiveis para empreza de tal especie, ser-nos-ia impossivel offerecer as vantagens de que hoje dispõe a folha de VALENTIM MAGALHÃES. Fizemos, todavia, tudo o que podiamos fazer para que o nosso empreendimento se iniciasse com o mais que pudessemos conseguir aqui.

Para o futuro iremos empregando, com dedicacão tenaz e imperterrita coragem, o melhor de nossas forças para merecermos, ao menos, a boa vontade dos assignantes, que nos honrarem com sua confiança.

Litteratura amena, critica litteraria, theses scientificas ou sociologicas, questões que se possam discutir em face da Lei e da Verdade, noticia mais ou menos desenvolvida do que apparecer de novo e de bom no mundo das letras; poesias, anedoctas, charadas, — tudo isso procurará *O Domingo* dispensar aos seus leitores, na certeza de que iremos empregando esforços para introduzir em nossa folha os melhoramentos que se forem tornando convenientes, no intuito de attrahir sobre nós as sympathias dos que a acceptarem.

A's nossas graciosissimas leitoras offereceremos tambem leitura *utile dulce*.

Temos na côrte uma talentosa escriptora, nossa estimavel correspondente, incumbida de remetter-nos artigos sobre modas e outras actualidades de palpitante interesse para o sexo amavel.

De resto, até sacrificios faremos, como já temos feito, afim de satisfazer a todos e cumprir as difficeis clausulas do compromisso, que hoje contrahimos.

Promettendo seguir um caminho ainda não traçado no jornalismo de MINAS-GERAES, *O Domingo* espera conseguir a protecção efficaz de que necessita para completa realisacão do seu espinhoso e arduo tentamen.

Confiados no adiantamento intellectual d'esta cidade e, sobretudo, na boa impressão que o programma de nossa folha causou no espirito publico, quando previamente annuciado, damos hoje o primeiro passo, cheios de coragem e amparados por uma forte esperanza — animadora e grata — de que não seremos desilludidos.

O que promettemos será cumprido fielmente. Os grandes sentimentos de justiça que exornam o caracter dos nossos conterraneos, garantem-nos,

por certo, um caminhar desassombra-
do e firme.

Assim não venha o desengano amar-
go desanimar cruelmente os que vão-
se empenhar na luta — porque ainda
creem e porque ainda confiam . . .

A alguns collegas da imprensa, no-
meadamente o *Diario de Noticias*,
Arauto de Minas e Gazeta Mineira,
agradecemos as benevolas expressões
com que se dignaram annunciar o ap-
parecimento d'este modesto semanario,
e de todos esperamos os exemplos de
prudencia e de cordialidade, que os
proyectos não devem negar aos que
começam sem pretensões vaidosas,
sem interesses individuaes e mesqui-
nhos e sem outro viso a não ser o de
prestar um serviço — pequeno embo-
ra, mas nobre e louvavel — aos filhos
da terra á que estão presos por tantos
laços de amor e do mais desinteressado
reconhecimento.

O preço das assignaturas d'este heb-
domadario, relativamente ao seu for-
mato e ao caminho que pretende se-
guir, é o mais commodo de todos os
jornaes da provincia e o mais razoavel
possivel.

Por ahí se vê que pretendemos por
todos os modos significar que não é o
interesse o motor principal da nossa
iniciativa.

Ao trabalho, poetas!

QUE vai se desenvolvendo pro-
gressivamente e energicamen-
te entre nós o gosto litterario, pro-
va-o a grande quantidade de contos
e de versos bons e máos que appare-
cem diariamente, como manifesta-
ções inequivocas de tendencias na-
turaes, ou de esforços sobrehumanos.
Os poetas, não no sentido rigoroso
da palavra, já não constituem um
grupo distincto — a classe dos pri-
vilegiados — na sociedade. Mais ou
menos artisticos, caprichosos ou
descuidados na forma, fazem-se mi-
lhares de versos, traduzem-se em
quodras e sonetos milhares de im-
pressões delicadas ou extravagantes;
e a idéa da poesia, que outrora

se restringia a um pequeno grupo,
vai grangeando adeptos entre os
quaes, si alguns desanimam e de-
põem a penna ante as primeiras de-
cepções, encontram-se muitos que
se entregam ao estudo e ao traba-
lho, os grandes factores do desen-
volvimento intellectual.

Ser poeta, eis o ideal da época!

Enche-nos de jubilo a disposição
de espirito em que vemos a mocida-
de, e applaudimos essa ambição,
esse desejo ardente de conseguir
pelo talento e pelo trabalho farta
colheita de louros nas incruentas
luctas da Intelligencia.

Cumpre-nos, porém, não applau-
dir somente a evolução que se ope-
ra no mundo litterario, deixando-a
como a torrente que, á falta de leito
para contel-a, espraia-se e converte-
se em elemento de destruição, se-
guir sem norte, impedindo os ine-
ptos o caminho aos que têm verda-
deiramente no espirito uma parti-
cula do « quid divinius. » Animar
aquelles que se revelarem aptos
para as letras, alentando-os com o
apoio de nossos conselhos, e desviar
do caminho os que, impellidos pela
benevola mas prejudicial critica de
compadres, ambicionam triumphos
litterarios, afastando-se de suas ver-
dadeiras aptidões, tal é o nosso de-
ver, tal o nosso fim. Segundo P. Vé-
ron, é poeta todo o homem accessi-
vel a uma impressão qualquer; mas
saber observar-se, transmittir a ou-
trem o que sente, communicando-
lhe as mesmas impressões, taes são
os attributos necessarios para que
um individuo seja considerado ver-
dadeiro poeta. E' claro que estes at-
tributos, não se podendo crear, pô-
dem todavia desenvolver-se; e, sen-
do muitas vezes a imitação a causa
de se atropharem innumeradas orga-
nizações poeticas, desviando-as da
vereda que lhes traçam as impulsões
do talento; á critica justa, mas ge-
nerosa, compete collocar-se ao lado
dos que, não se contentando com os
triumphos em familia, aspiram a
maiores encomios, aos inebriantes

applausos do publico. Para estes,
desde que ao desejo de apparecer se
allie a vontade de aprender, é de
incontestavel vantagem a Critica
que julga, ensinando, que, pondo
em evidencia os defeitos, indi-
ca tambem os meios de evital-os.
Receber de outro modo a princi-
pantes, a individuos que, ignoran-
do as regras da Arte, pôdem com-
tudo aperfeçoar-se pelo estudo, além
de pouco generoso, seria de pessimos
resultados, pois, oppondo-lhes o de-
sanimado e o receio, de alguma sorte
impediria o desenvolvimento litte-
rario. Pensando d'este modo e dese-
jando concorrer para o bom exito
dos esforços que vemos a mocidade
empregar, tomamos a resolução de
franquear-lhe as columnas d'«O Do-
mingo,» no qual serão publicados os
trabalhos litterarios em que encon-
trarmos o necessario merecimento.

Ao trabalho, pois, poetas!

Extravasai no verso todo esse es-
fervilhar de sentimentos que são os
companheiros de vossas noites de
insomnia, mas trabalhai sempre,
tendo presente em vosso espirito
esta animadora phrase de ARRIEN:
« Si tu veux rester habile dans un
art, pratique-le sans relâche. »

B.

SOBRE A MESA

Agradecemos penhoradissimos á il-
lustrada redacção d'*A Democracia*, de
S. PAULO, a imabilidade com que nos
tem remettido a sua folha, mesmo antes
do apparecimento da nossa. Do pro-
vado cavalhêrismo de A. AYROSA, o ta-
lento defensor da causa santa da de-
mocracia, não podiamos esperar outro
procedimento.

Atravéz da politica

A FINAL, calmaram-se as ex-
pansões vaidosas; os impetos
febricitantes os patriotas conser-
vadores arrefeceram um pouco,
comquanto perltre ainda a triste-
za dos liberaes não menos patrio-
tas.

A movimentação accelerada das
turbas que subiram ao cume d'essa

montanha encantada d'onde se avista de perto o radiante sol do orçamento, — deu lugar a um caminhar moderado, precavido, de chefes meticulosos, que não querem descer, de pretendentes assustadiços, que não querem atacar o sistema nervoso dos deuses do OLYMPO, onde VULCANO não forja raios, mas JUPITER vibra demissões e nomeações com uma liberalidade mais do que mythologica . . .

Já se vão restabelecendo as cousas, um tanto degradingoladas pelo successo de 20 de Agosto.

Os que cahiram, menos atordoados, começam a trilhar a sua verdade de adversarios vencidos, machinando na sombra tremendas vinganças, occultos, sem bulha, sem matinada, planejando lutas, creando periodicos de reacção, mantendo sua raiva surda e impotente, a sonhar victorias proximas futuras . . . Os que ascenderam accendem o fogo economico de seus sentimentos de patriotismo obrigado a um talher na mesa do Thesouro, ou, quando nada, a um coronelato da guarda sem soldados — e nacional; e riem-se alegremente, em familia, dão piparotes bregeiros nos abdomens salientes de uns tantos commendadores, que exultaram com a subida do novo partido, porque o cambio subiu tambem; e andam satisfeitos, impando de esperanças, azafamados, rijos, empavesados como si tivessem o rei na barriga . . .

Que bom que é estar-se de cima!
« De cima! » — que musica suave, animadora, que harmonia attraente . . .

Como se fica intelligente, prompto para todos os cargos, habilitado para tocar uma variação em todo o teclado do functionalismo publico, quando se está « de cima! »

E, sobretudo, patriota; como sentimos fortalecer-se em nós a fibra sagrada do mais acendrado patriotismo, quando o nosso partido, o nosso querido partido sobe! . . .

Os soldados do partido da ordem já abriram, entretanto, um interregno em suas manifestações entusiasticas . . . Porque? pergunta o leitor malicioso; serão as pretenções que começam?

Talvez. E' preciso prudencia, é preciso moderação . . .

Vemos por ahi tanta cousa interessante . . .

Aqui — uns velhos sisudos contemplam a numerosa prole idonea para todos os empregos publicos, e volvem olhos piedosos para o tecto, onde julgam ver um deus misericordioso . . . na pessoa do Sr. COTEGIPE ou do Sr. J. DELPHINO; alli — vinte rapazolas vadios sorriem gananciosos para um lugarzinho de amanuense, que vagou ou vai vagar; acolá . . . mas o leitor pensa que me chegaria o espaço de que disponho para apontar os bizarros e variados paineis que aos nossos olhos se apresentam quando se muda uma situação? Seria difficil e perigoso. Não haveria uma carapaca que não servisse n'uma cabeça, e eu respeito muito as fraquezas do nosso proximo e perdôo-as sufficientemente para insistir na pintura d'esses quadros. Demais, precisaria de um « atelier » infinito . . .

— O ministerio do Sr. SARAIVA cahio; cahio como um fructo demasiadamente sazonado: — por si.

Aquillo foi sacudir um pouco a arvore e — záz! Não lhe valêu o amparo de um florido « prado » . . . O fructo rolou e foi cahir n'um paul escuro, execrado pelos corações generosos.

O partido liberal viveu nos ultimos tempos do seu reinado pelo elemento servil e para o elemento servil.

O Sr. DANTAS, com a coragem sublime da convicção e com o ardor entusiastico da coragem, escreveu uma pagina brilhante na historia d'esse partido, que, positivamente, não a tem muito gloriosa.

O destino caprichoso, por um la-

do, e, por outro lado, o capricho de entidades pretenciosas que a invejaria e que os interesses proprios cegavam, — não deixaram o illustre estadista completar o capitulo que seria o mais luminoso do livro dos acontecimentos politicos do BRAZIL, n'estes ultimos tempos.

Veio o Sr. SARAIVA, o escolhido de D. PEDRO II, o MESSIAS desejado, não das nações, mas do imperador e aulicos circumvisinhos; veio e desmanchou o que estava feito, refundio, engendrou cousas « mais adiantadas » e . . . atrazou-se a mais não poder. Apresentou um projecto hybrido, inconveniente, nem liberal, nem conservador, nem republicano, nem abolicionista, nem escravocrata, unicamente — deshumano, simplesmente — monstruoso, na phrase do Sr. CHRISTIANO OTTONI.

Chegou o Sr. COTEGIPE. Os conservadores exultaram — no que fizeram muito bem. Falou-se na « aurora da regeneração. » Choveram manifestações e discursos, houve fóras e vivas, explosões de raiva e brados de contentamento, gritos de triumpho e berros de indignação, — foguetes, « turcas, » bestialogicos, versalhada, o diabo . . .

« Boum! c'est la canon! » — E tocou-se o hymno. O paiz inteiro foi — uma saturnal.

Pois si a « aurora da regeneração » surgia . . .

Muitos abyssinios vi eu, no meio de tudo isso, virando pelo avêso o casaco com que tomaram parte na festa das phalanges liberaes, outr'ora, — apedrejando o sol, que descambava no occaso . . .

O mundo é assim . . .

— O projecto servil entrou em discussão na camara dos velhos.

Discutiram muito os padres conscriptos, com a sua rethorica um tanto vetusta, mas fortalecida pela pratica e pelas licções da experiencia. A porção mais adiantada e mais intelligente combateu o « monstro. »

Em todo o caso, o projecto passou porque houve maioria. . . arranjada pelo governo.

Sim, porque até no senado os nossos governo «arranjam» a maioria, — o que não seria digno, nem honesto, nem decente n'outro qualquer paiz. . . Entre nós não admiramos porque nós somos um povo acostumado já a essas brilhaturas da nossa alta politica, e respeitamos muito a lei dos «precedentes,» a doutrina das «tradições» . . .

Foi approvada na camara temporaria a prorogativa do orçamento. Os ex-representantes concederam leis de meios ao governo conservador. Assim como assim, estavam mesmo «despachados,» e não valia a pena tomar desforço, negando uma cousa que prejudicaria, antes de tudo ao pobre BRAZIL, esse inditoso, que já vive ali tão exaurido de forças . . .

Entre as emendas approvadas com esse projecto houve! o que nos despertasse o mais vivo entusiasmo. — Foi supprimida a pensão ao Sr. DUQUE DE SAXE, um figurão madraço, que ahí andava muito garboso, viajando a custa do nosso rico bolsinho. Bravissimo, pais da patria! E' preciso combater a cateriva dos raios inuteis . . .

A prebenda da alimentação dos principes D. LUIZ e D. José e dos vencimentos dos mestres da casa imperial também foi supprimida. Isto era um complemento d'aquillo. Bravissimo, outra vez! Nos seus ultimos dias foi que a augusta camara apresentou as suas primeiras idéas dignas de verdadeiro applauso.

— Agora, dissolyda a camara, voltarão os papagaios aos lares patrios e lá vão tentar de novo empoleirar-se nas cadeiras da gaiola parlamentar . . . onde podem viver — e comer á grande — sem immediata necessidade de aprender . . . ao menos a falar!

Cá os esperamos com anciedade, pois que a ausencia dos illustres representantes representa para nós a ausencia de assumptos palpitantes — n'esta secção.

GEORGINO.

NO TEMPLO

*No templo em densas trevas sepultado,
A lampada que a Fé conserva acesa,
Como uma estrella de infima grandeza,
Brilhava junto ao DEUS crucificado.*

*Ia morrer no bello altar doirado
De seu clarão a dubia tibieza,
Uns tons suaves dando de tristeza
Ao semblante do CHRISTO macerado.*

*Assim meu coração — o lampadario
Do peito meu que fez-se teu sacrario,
Na treva dos pesares se extinguindo,*

*Arde por ti sem ver-te no semblante,
Reflexos d'este amor edaz, constante,
Que os dias meus, cruel, vai consumindo.*

JOSÉ BRAGA.

Secção das senhoras

EM QUE PARAM AS MODAS...

Côrte, 15 de Setembro de 1885.

PRIMEIRAMENTE tenho de agradecer a delicadeza com que a redacção d'*C Domingo* convidou-me para enviar-lhe, de quando em vez, algumas linhas, dando conta do que houver de novo sobre modas. — essa inimiga terrivel dos burguezes, esse perigo horrendo para os que não têm a intuição do *chic*.

Vai-me ser bem difficulo-o o encargo. Aceitei-o por invencivel imposição de sympathia e de reconhecimento a esses moços garerosos, que se lembraram de uma desconhecida para occupar um espaço na honrosa secção consagrada especialmente ás illustradas leitoras de S. JOÃO D'EL-REI, — as quaes de ha muito estimo pelas informações que tenho de sua amabilidade, de seu talento, e, sobretudo, de seu bom gosto.

Não me desculparei da ousadia com que tomo conta d'esta incumbencia.

Houve para isso motivos especiaes.

As leitoras sabem a que imprudencias nos levam os impulsos de uma sincera amizade, boa e desinteressada.

Eis-me no posto. Nunca fui escriptora, sabem? Vão relevando, desde já, as incorrecções da fôrma, o desalinho da linguagem... Contar-lhes-ei o que fôr vendo e apreciando aqui pelo nosso mundo elegante, mas, tudo isso assim, naturalmente, singelamente, sem atavios, sem rendilhados.

Não gosto da faceirice (não riam-se, não, que é exacto!) e no estylo, mesmo se gostasse, eu não seria faceira, porque o não podia ser.

Perdõem-me estes rasgos de modestia, que, á primeira vista, parecem convencionaes, mas que, por convicção, vou fazendo para prevenir a boa fé das minhas formosas leitoras d'essa terra hospitaleira.

Si não começo dando já um *compte rendu* do que appareceu ultimamente de novo e de *pehutt* no mundo das modas, a culpa é... desculpem-me a franqueza com que accuso para me defender — a culpa é d'*O Domingo*.

Demorou o aviso que me promettera sobre o dia do seu apparecimento e isto determinou a pressa com que fui obrigada a *encher* estas quatro tiras, para chegarem a tempo... de eu não faltar a meus compromissos...

Não darei hoje uma noticia mais ampla das *toilettes* modernas das bellezas d'este *grand monde*.

Fal-o-ei de outra vez, promettendo, desde já, apresentar o apanhado mais completo que fôr possivel.

Mas, não concluirei sem falar ás minhas leitoras de uma *toilette* de passeio que vi hontem e que pela delicadeza da confecção, pelo bom gosto e elegancia que apresentava, não me sahio da memoria.

Era uma das filhas do commendador M..., a encantadora OLYMPIA, uma trigueira corada, de grandes olhos negros rutilantes, capazes de fulminar um santo...

Mademoiselle OLYMPIA usa sempre de côres claras, porque sabe que lhe são as mais favoraveis.

Seu vestuario hontem era de um formoso azul pallido. A saia de setim, coberta com uma segunda saia de renda franzida na cintura e com uma tunica-avental, tambem de renda, graciosamente guarnecida de tiras de

ottomano. As tiras estavam dispostas com muita regularidade, guardando certa distancia umas das outras, pregadas de cima até em baixo e terminando n'uma especie de elo, com uma ponta aguda subposta.

A segunda saia era franzida n'um cinto e ia fechar-se atraz por um laço —puff, dado com uma fita azul escura, bastante larga. O corpo todo rendado, sobre transparente, trazia trez ordens de fitas, de dous dedos de largura, da mesma côr do vestido, habilmente dispostas, em forma de suspensorios. As mangas, rendadas como o corpo, não passavam dos cotovellos, acabando em duas ordens de fitas.

A seductora joven, uma das mais brilhantes estrellas da constellação do *high life*, trazia luvas claras e leque; o chapéu era bellissimo, combinando perfeitamente com o vestuario. Feito de palha grossa, artisticamente preparada, de côr natural, tinha na frente uma orla de renda azul, larga, franzida, e, de um lado, um lindo enfeite de hervas agrestes preso por um laço de *moiré bleu foncé*. Passeava sorrindo a gentil trigueira, mostrando o fio de perolas da bocca pequenine, dando o braço á sua amiga J... que trajava luto pesado... e estava muito triste para que eu pinte ás leitoras a sua *toilette*.

Até breve.

CAROLINA G.

MUSAS RISONHAS

GLORIA FUTURA

No Pantheon das ideias beldades
Has de brilhar na galeria immensa,
Não ha primor soberbo que te vença,
O' pomba, ó astro, ó luz das raridades!

Ante o teu nome, envolto em claridades,
Em tela azul, illuminada, extensa,
Hade a ph.ange de immortaes deidades
Curvar-se humilde, sem menor detença.

Deu nome a SAPHO—agenial poesia,
A' ESTHER—a formosura, e a valentia
A' assassina animosa de MARAT.

A-ti, mimosa, hade elevar-te á gloria
Esse nariz maior que o monte MORIA,
Que, (ingrato) o rosto te esmagando está!

ROMEU ALEGRE.

LAMBREQUINS

— O nosso jornal, dizia um futuro jornalista a uma senhora a quem queria inscrever no numero de seus assignantes, ha de agradar-lhe por força.

— Mas o seu programma? interrompe ella.

— Noticiario e litteroso, responde elle, *bolando as trocas*.

Recebe um assassino famoso a primeira visita do advogado celebre que se encarregára de sua defeza. Em presença um do outro soltam ambos um grito de espanto.

— Pois, deveras! Não me engano? E' o meu advogado de ha vinte e cinco annos? exclama o assassino.

— Que! O meu primeiro cliente! faz o advogado. Que estranho acaso! Eu estreitava...

— E eu tambem!

Depois, o assassino, com convicção:
— Ah! Nós temos progredido muito!

A virtude é a sujeição da ordem; é o concurso individual para a harmonia geral; é o bello moral em toda a sua sublimidade.

A resignação é a doce consequencia de uma grande confiança nos mysteriosos designios do Alto.

O homem é o convidado eterno nos festins da natureza.

— Oh! PAULO, andas muito triste!
— Morreu meu tio ANSELMO, o alienado.

— Mas, então, herdás muito?
— Qual! Os bens que elle tinha estavam alienados tambem...

VIVER!...

(A FREDERICO SALGADO)

A vida com amor é a treva immensa, profundo abysmo aterrador, maldito, como o sonhar escuro de um precito, que soffre as ancias de fatal descrença.

E' triste como a vida atroz, sombria, do ASHAVERUS da lenda; amargurada como o queixume d'alma desgraçada nas lentas convulsões de uma agonia.

E' triste como é triste a hora langue em que o dia se esvae, saudosamente... e o sol—como uma lagrima de sangue—vai rolando na face do occidente.

E' triste como a dôr que nos arrasta aos grandes desalentos pungitivos, — como o chorar amargo dos captivos, gemendo aos golpes de cruel vergasta.

A vida com amor! — atroz supplicio, morte das lours illusões formosas...
— Sonhos de gloria, aspirações ditosas, tudo absorve o negro precipicio...

A vida sem amor é a luz querida de aurora eterna e phantasias magas, mixto de sóes e de harmonias vagas, meiga esperanza entre ideias perdida.

Viver suave, e alegre, e descuidado, sem longas noites de scismar penoso, sem queixas de ROMEU apaixonado, nem suspiros de WERTHER lacrimoso;

largos dias d'esplendidas bonanças, de vivas expansões, fortes, sinceras, em que a alma sorri como as creanças e cantando saúda as primaveras.

— Escravar a prazenteira idade a urs olhos de mulher fascinadores, — é suffocar os juvenis ardores que nos concita a deusa Liberdade.

E, por isso, eu quizera — temerario — viver, viver contente, e rir, gozar... — e em plena luz o coração deixar expandindo-se livre, ardente—e vario!

No emtanto, embalde m'esquivar procuro me fascina o perigo, e eu amo... e eu corro ao fogo d'ambição, do anheilo puro de dar a vida áquella por quem morro.

JORGE RODRIGUES.

A MORTE DO CANTOR

JULLE andou muitos dias triste, melancorico, n'uma attitudo scismarenta, de infortunado.

Na sua habitaçãozinha agreste não se notava mais aquella expansividade boa de um espirito sadio e forte. Tudo emmudecera alli e o vago silencio continuado punha uns tons funereos na alegre mansão de outr'ora, onde os cantos festivos partiam-se nos ares em notas crystalinas, frescas, inspiradoras.

Nunca pude saber que estranho sofrimento operára transformação tão rapida e tão completa n'aquelle infeliz.

Conheci-o sempre disposto aos contentamentos animadores da sua idade de aureos sonhos radiosos, de jubilos e de enthusiasmos, — porque elle era moço ainda, muito moço, gosára a vida apenas na quadra descuidosa dos primeiros annos...

Acompanhei-lhe, com extremoso cuidado, o curto tirocinio da existencia.

Era de um natural modesto e amoroso, dedicado, muito affeito ás doces submissões da amizade e da gratidão.

Quando alguém se lhe aproximava elle vinha logo pressuroso, reverente, saudar e agradecer o interesse com que o viam, com que lhe admiravam a voz, — esse interesse cordial e affectuoso que a todos inspirava sempre.

Lia-se-lhe no olhar suave, — suave como o ideal lampejo da esperança, — a grande ternura de uma bondade extrema, que lhe inundava a alma ainda mais innocente que o coração de uma virgem . . .

Sua propria alegria tinha como que a doçura de uma alegria do céo.

Cantava com uma graça infinita, com ardor de *virtuose* emerito. Mas, — havia n'aquelle ardor intenso alguma cousa de sagrado e puro; n'aquelle graça insinuante percebia-se uma impressão singular de melodia impressiva, ignota e magica.

Dir-se-hia que o seu canto era inspiração de DEUS e que para Elle voltava em apaixonados accordes, como endeixas de um coração pleno de amor e de saudade pela celeste Mansão d'onde viera e para onde queria de novo transportar-se; como threnos de um'alma repungida, que no delirio de aspirações impossiveis quizesse fundir-se em melodias canoras para romper os ares e perder-se n'esse infinito que via, ao longe, estender-se sobre a natureza, como uma benção azul do HOMERO omnisciente que escreveu a *Illiada* grandiosa da criação . . .

Ao inverso dos demais cantores, era sempre pela manhã, ao alvorecer d'esses dias limpidos de Outubro, que elle nos extasiava com as notas arrebatadoras de suas cançonetas apaixonadas.

Parecia que a aurora trazia-lhe a febre da inspiração, porque a essa hora elle cantava com todas as impetuosidades e com todos os arroubos do genio.

Era um idolatra do Bello, um verdadeiro — artista. Sentia-se no fervor com que se entregava á especie de paixão que tinha pelo canto, o *quid divinus* das imaginações privilegiadas, das grandes vocações artisticas admiraveis. — E, de repente, fui ferido no coração por um pezar immenso, — mescla dolorosa de surpresa e de receio, de apprehensões e de maguas . . .

Um dia acordei mas não foi, como

sempre, ao som dos *allegros* maviosos e dos suavissimos *adagios* de sua voz. Levantei-me sem demora e fui vê-lo.

Desconheci-o. Falei-lhe commovido, perguntei-lhe o que tinha, o que sentia, si estava doente, si alguém o molestára.

Não me respondeu. Vi, porém, nos seus olhos um agradecimento e uma angustia.

Soffria muito. Prodigalisei-lhe cuidados, dispensei-lhe paternaes disvellos . . . Nada conseguí. A sombra de cruel desgosto alli estava, a annuear-lhe a fronte.

Eu tive um presentimento. Aquella enfermidade inesperada, que lhe modificára tanto os habitos e o genio — fazia-me prever um desenlace fatal . . .

E continuou desde esse dia aquella tristeza, aquella quietação, aquella desalento.

Hontem desceu á sombria noite de um tumulo . . .

Pobre amigo, estremecido companheiro que me consolaste em tantas horas de amargura e que commigo partilhaste uns rapidos momentos de ventura fugidia! . . .

Que vacuo abriste n'esta vivenda isolada, onde vão-me correndo os longos dias de um padecer interminavel!

Teu chaletsinho agreste alli está frio e deserto, e uns pingos d'agua, que o acaso fez cahir nos seus lambrequins dourados, fazem-me crer que elle chora commigo a morte de seu querido cantor . . .

E agora . . . eu vou perguntar ás alvoradas quem me ha de trazer a animação e o conforto, que eu gosava ao te ouvir cantar as meigas volatas e os alegres trinados sonorosos . . .

E vou achar bem triste a aurora . . . porque tudo é triste á sombra escura da saudade.

Sê feliz n'outra vida, ó meu canario-sinho belga, meu inditoso canario . . .

JORGE RODRIGUES.

Morte ao tempo

Guerra ao tyranno que não anda nunca á medida de nossos desejos.

Rapido, quando nos achamos alegres e contentes, e lento, horrorosamente

moroso, quando estamos sob uma desagradavel impressão de espirito!

Guerra e guerra de morte!

Eia, portanto, charadistas de ambos os sexos, *aguçai a ponta da perspicacia*, atacaí de frente o monstro, e..... se reis recompensados.

O primeiro que conseguir ferir-o gravemente terá um exemplar das «Symphonias» do insigne poeta Raymundo Corrêa, e o segundo os «Escriptos em prosa de Guerra Junqueiro.»

A' elles!

LOGOGRYPHO
(Por lettras)

Houve n'outro tempo um homem, 5, 12, 5, 7.
Que viveu sempre correndo, 6, 12, 10.
Apenas nos pés trazendo, 8, 13, 4, 4, 13, 8.
Mais rapidez do que o rato, 9, 7, 6, 12, 1, 9, 7.
Além disso era philosopho, 2, 10, 2, 3.
Esse rico singular, 9, 6, 3, 1, 13.
E quem hade acreditar? 9, 6, 3, 6.
Morreu dentro de um balatio, 4, 3, 1, 5, 10.

Vos posso dizer somente
Que é instrumento excellente.

CHARADAS

(Em quadro)

De viagem sempre a levo
E vivo nos corações
Mas se o divido em porções
O espaço circumscrevo.

(Novissimas)

Depois do bobo o «Jornal» — 2 — 2.
Duas vezes aqui é jogo — 1 — 1.
A planta corre na musica um certo tempo — 12 — 1.
Achei graça no instrmento de madeira — 1 — 1.
Quem tem dente morde a gente — 1 — 2

PERGUNTA

Qual a palavra de sete lettras, á que tirando-se uma, ficam quatro?
E no mais.....

TONG KONG SING.

P. S.—Tudo que for concernente a esta secção, deve ser dirigido, em carta fechada e competentemente sellada (si fôr de fora) a *Tong Kong Sing*, que é o ditoso redactor da dita.

RECADOS

SR. J. B. SILVA — Oh! senhor, tenha um pouco mais de amor ao proximo. Doze dias antes de apparecer o alegre « Domingo » n'este valle de lagrimas, já o senhor nos manda aquella choradeira? Sempre é ser muito cruel...

EXMA. SRA. D. I... — V. exa. é de uma amabilidade... Agradecemos as saudações... e os versos. Bellos estão elles, bellissimos, magnificos; só esta quadrinha...

Salvé, pois, gentil semanario, que entre todos eu distingo, Do espirito sacrario, Sê bem ditoso, ó «Domingo.»

Mas... bem vê que offende impiedosamente a nossa modestia... e algum ouvido de leitora exigente. «Sacrario do espirito...» nós! Ah! minha senhora, V. Exa. confunde-nos!

AO PHAROL, Juiz de Fóra. — Si a palavra é de prata, o silencio é de ouro.

SR. AGENOR M. — Não está mal informado, não senhor.

Como declaramos no artigo — « Ao trabalho, poetas, » publicaremos de boa vontade os escriptos que nos forem enviados, mas ha uma condição «sine qua...» E seu soneto...

O verso «Dos tempos meus felizes me recordando» não é hendecasyllabo.

Leia alguma cousa de metrificacão e cá estamos.

SR. M. O. — Tambem ao senhor não nos é possível ser agradavel. Seu conto — « O Rei das Orgias » — não é incorrecto, mas pecca por não ter nada de original.

Demais, «seu» Paulo é um borracho de força e chaçal-o rei é... aco-roçoar o vicio.

Mande-nos novidades.

Uma excentricidade

O sr. Carlinhos Roxo é um rapaz sympathico, que anda sempre vermelho — de contentamento.

E' um *gommeux* sadio, rubicundo, faceiro como elle só. Tem to-

tos os riquisitos do *dandy* de primeira ordem... e mais alguns. Podia cântar o *me gustam todas* que, em geral, nunca havia de ser tido em conta de immodesto.

Entretanto era um nervoso. Sim, um tanto nervoso, diziam, porque, alem de seus dotes de *sympathia* possuia — uma excentricidade.

Não era raro vêr-se o nosso amigo atarantado, cobiando o bigodinho louro, arrancando-lhe impiedoso os fios, que não eram muitos, a final de contas.

Depois das refeições, principalmente, depois de um café... era quando o *leão* levantava a juba e sahia irritado, esbarrando em quantos ab-omens mais ou menos roliços encontrava pelo caminho...

Era a hora da *excentricidade* do aliás sempre amavel conquistador Carlinhos Roxo, — como o chamavam. A *exquisite* prendia-se a um facto muito simples, muito insignificante...

A hora de fumar era a fatal hora em que o nosso héroe *fumava*...

Sua ambição suprema era encontrar uns cigarros que elle havia sonhado; uns cigarros de sabôr — unico, de perfume tão embriagante, que o fizesse sonhar com languidas odaliscas e deidades mais bellas que todas as suas conquistas passadas e presentes — que, em verdade, não eram poucas... Oh! um cigarro *d'aquelles*... murmurava elle nesses instantes terriveis de desejos.

Este — *aquelles* — se referia aos taes, que elle fumára em sonhos, numa noite, deppis do baile do dr. B... Guardára a lembrança do sabor e do perfume... Mas, onde en-ontral-os? Onde?

Por muito tempo andou triste, o nosso lepidio janota, pezaroso, desanimado. As suas muitas pretendentes julgavam-no devêras apaixonado.

— Desta vez, *cahiu!* diziam, enciumadas, entre si, as moçoilas.

Carlinhos esqueci-se de fazer a barba, vagava a èsimo pelas ruas em

frias noites de inverno e tudo aquillo fazia numa especie de allucinação...

O rapaz soffria muito.

O seu ideal, o cigarro que sonhara, de gosto inexpressivel e de perfume divino... Onde encontr-o?

Hontem todo o mundo surpreendeu-se. O Roxo reconquistara a sua vermelhidão sadio, de espirito alegre e satisfeito.

Veio á S. João d'El-Rei, por doente, entrou em casa de Gomes & Rios, comprou de uns magnificos cigarros que alli se vendem, e...

— *Eureka!* bradou jubiloso, num entusiasmo de naufrago, que encontra a taboa salvadora.

— Achei? Eil-os! Senhor, diz ao dono da casa, compro-lhe todos os cigarros que tiver desta qualidade.

Os srs. Gomes & Rios venderam-lhe apenas grande porção e ainda conservam um completo e variado sortimento dos taes ambicionados cigarros.

Carlinhos Roxo *azulou* de contente, não, entretanto, sem ficar sabendo que em casa dos srs. Gomes & Rios, rua do Commercio n. 11, ha charutos magnificos, cigarros especialissimos, desses que só se conhecem *por sonhos*, e piteiras, bolsas, objectos para fumistas — o que ha de melhor no genero.

Uma coisa esplendida, o successo de Carlinhos Roxo, Esplendida!

E não será isso uma attracção para os illustres fumistas cá da terra?

Oh! insignes fumistas e astrologos... do céu das *hourys*, ide á *Estrella de S. João*, que não é das de infima grandesa.

DR. RÉCLAME.

ANNUNCIOS

Convite

A mã, viuva, filhos e mais parentes do finado José Teixeira do Carmo, convidam às pessoas de sua amizade para a missa de setimo dia, que mandam celebrar amanhã às oito horas, na igreja do Carmo.

O DOMINGO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Propriedade e Redacção de Jorge Rodrigues e José Braga

Preço da assignatura :

Para a cidade--6\$ por anno; 3\$ --- por semestre.
Para fóra só se acceitam assignaturas por anno--6\$.
Numero avulso 200 reis.

A typographia d'O DOMINGO, dispondo de um material novo e escolhido propõe-se a fazer qualquer trabalho avulso com promptidão, nitidez e modicidade de preços.

Escriptorio, administração e officinas

54-RUA DO DUQUE DE CAXIAS-54

EUGITIVAS

VERSOS DE

JORGE RODRIGUES

Vende-se nesr typographia a 3\$000 o volume

PHARMACIA CONFIANÇA

DE

Antonio Candido Martins de Alvarenga

7 RUA MUNICIPAL 7

S. JOÃO D'EL-REI

Carlos Augusta Ribeiro de Campos
ADVOGADO
S. JOÃO D'EL-REI

LOTERIAS

VENDEM-SE EM CASA

DE

JOÃO BAPTISTA CARNEIRO

BILHETES DE TODAS AS LOTERIAS

DO

IMPERIO